

**IV Seminário dos Alunos de Pós-graduação em Literatura da UFSC**  
**14 a 17 de outubro de 2014**

MINICURSOS

Quarta-feira, 15 de outubro

10 horas

**“Uma trajetória pelos textos e pelo nome de Hilda Hilst”**

Ministrantes: Rubens da Cunha e Luciana Tiscoski

Sala Hassis

Duração: 1h30

RESUMO: Os textos de Hilda Hilst carregam o peso e a sombra de seu nome, da mesma forma que seu nome carrega o peso e a sombra poética de seus textos. A trajetória de consagração de Hilda Hilst, como nome, como mito e como marca/produto/mercadoria/espetáculo, teve início na efervescência da vida urbana paulista, na década de 1950, onde ela era cercada por amigos, viagens e amantes, tudo sempre lembrado nas inúmeras matérias e entrevistas com a autora. Na década de 1960, ela prosseguiu nas decisões compartilhadas publicamente, ao isolar-se para escrever na Casa do Sol, construída num sítio em Campinas, ainda hoje frequentado por estudantes, pesquisadores e artistas. Na década seguinte houve a tão propalada iniciativa de captar as vozes dos mortos, numa suposta comunicação com o além, acompanhada do estudo e respaldo científico da experiência realizada por Friedrich Jürgenson. No final dos anos de 1980 e começo dos 1990, houve a atitude pública de se “despedir da literatura séria” e partir para o escracho da literatura pornográfica. Muitas vezes, o nome de Hilda Hilst é mais conhecido por tais fatos, no entanto, durante esse tempo ela também escreveu mais de quarenta livros em diversos gêneros literários. Nesse minicurso abordaremos as fases da escrita de Hilda Hilst. De seus poemas iniciais escritos nos anos de 1950, tidos por Sérgio Milliet como cheios de pudor e timidez, e que passaram por um aprofundamento temático e de linguagem nas décadas posteriores com livros como Júbilo, Memória, Noviciado da Paixão, e Da morte, odes mínimas, bem como a sua experiência dramaturgica dos anos de 1960, constituída por oito peças e que trouxe questões como engajamento e o posicionamento ético e político de Hilda Hilst enquanto escritora. Abordaremos também as suas narrativas, nas quais a autora excede-se na transcendência pela linguagem e sua negação. A partir da impossível comunicabilidade, a partir da comunhão em uma “comunidade dos que não tem comunidade”, a partir da falta, Hilda reivindica a vida. É nesse sentido que se orienta a leitura contemporânea dos textos ditos ficcionais de Hilda Hilst, tendo início com a publicação de Fluxo Floema, em 1970 e finalizada com Estar sendo. Ter sido., o “livro testamento” da autora, publicado em 1997, sem contar a sua famigerada trilogia obscena constituída pelos livros O Cardero Rosa de Lori Lamby, Contos de Escárnio. Textos Grotescos e Cartas de um sedutor. Além disso, Hilda Hilst escreveu crônicas entre 1992 e 1995 e que foram publicadas em 1998 sob o título Cascos e carícias: crônicas reunidas. Assim, seja na ficção, na dramaturgia, nos poemas ou nas crônicas, a inventividade com a língua, a intertextualidade e a intratextualidade, a anarquia de gêneros e as questões levantadas em torno da morte, de Deus, do erotismo, das perdas dos ideais, bem como da relação com a escrita e com o mercado editorial reforçaram ainda mais o estigma de uma escrita de difícil compreensão, outra marca que contribui para o peso e a sombra da literatura de Hilda Hilst.

**“Constelação Tropicalista: considerações sobre Torquato Neto & Ivan Cardoso; Glauber Rocha & Hélio Oiticica”**

Ministrantes: Lizaine Weingärtner Machado e Bruna Machado Ferreira

Sala Drummond

Duração: 1h30

RESUMO: Estudo da poesia, do cinema e das performances dos processos de criação-invenção realizados por Torquato Neto & Ivan Cardoso; Hélio Oiticica & Glauber Rocha. A partir de propostas de leituras, perspectivas diversas, os diálogos possíveis desenham-se sob as pulsões do mo(vi)mento tropicalista.

Sob o Signo do Vampiro – Nostorquato no Brasil: O trabalho propõe uma forma de análise da produção intersemiótica de Torquato Neto a partir de sua relação com a Tropicália, a contracultura e o cinema underground no período ditatorial do Brasil. Para tanto, intento analisar o vínculo existente entre a persona do poeta e o mito vampírico, sobretudo em *Nosferato no Brasil*, filme de Ivan Cardoso, em que Torquato interpreta um vampiro tropical em um tempo historicamente sombrio (início dos anos 70).

Glauber Rocha-Hélio Oiticica: pela T(t)erra: O trabalho propõe algumas leituras em que a relação, vinculação com um espaço-terra, eminentemente via trânsito (que pode constituir-se transe), nos processos de criação-vivência de Glauber Rocha e Hélio Oiticica, implicam uma ética, abertura para uma perspectiva política outra, que desestrutura ideologias – e suas respectivas ideias totalizantes do nacional – e parece abolir qualquer noção de restauração, ou de reparo no passado. Para tal, parto, inicialmente, de análises de uma das aparições-performances de Glauber Rocha em seu programa *Abertura* (no ar pela TV Tupi em 1979, em seu retorno do exílio); da estrutura labiríntica dos penetráveis de Hélio Oiticica (destaque para *Tropicália*), assim como de sua experiência *Contra-Bólide N°1 Devolver a terra à Terra*.

**“O filho eterno’: aspectos do sublime na obra de Cristóvão Tezza”**

Ministrantes: Luiza Wiggers e Elis Zaboroski

Sala 323

Duração: 1h30

RESUMO: Nossa proposta é apresentar uma análise sobre os aspectos do sublime identificados na obra "O filho eterno", de Cristóvão Tezza. Por meio de leituras-suporte e intervenções textuais e contextuais, pretendemos explorar a questão do sublime fazendo o uso de duas abordagens do tema. Uma se dá pela leitura de "Do sublime", de Longino, e a outra se volta para a contribuição de Edmund Burke sobre o mesmo tema em "Uma investigação filosófica sobre a origem de nossas ideias do sublime e do belo".

A antítese clássica entre o Belo e o Sublime pertence ao campo das filosofias. No entanto, Sublime é um termo literário associado à êxtase e à criação poética da Antiguidade, sendo que o primeiro estudo sobre a dinâmica do Sublime foi realizado por um intelectual latino chamado Longino. Mas o texto que melhor trata sobre a problemática mudança de sentido que o conceito sofre é de autoria de Edmund Burke, cuja obra já foi citada anteriormente, e que inclusive inspirou Kant a dedicar uma seção em seu "Crítica da Faculdade do Juízo". Em Burke, é possível encontrar um breve resumo das inquietações teóricas acerca da arte, especialmente a literária. Nesse sentido,

procura-se aqui definir um recorte sobre a evolução do conceito de Sublime sob a luz do romance quase autobiográfico de Cristóvão Tezza.

### **“Tropicalismo e Latino-americanidade, Antropofagia e Pós-autonomia”**

Ministrantes: Felipe Lopes e Giovanna Vettrains

Sala 325

Duração: 1h30

RESUMO: No artigo-seminário, antes de mais nada, é colocada a diferença entre a visão do Nacional em um sentido orgânico (genético) e a em sentido modal (arquitetônico) segundo a proposta de Haroldo de Campos, que se encontra em aberto contraste com a leitura de Roberto Schwarz. A partir desse debate, ressalta-se que a noção orgânica do Nacional, obtida através da operação de subtração dos elementos “estrangeiros e impuros”, acaba produzindo uma ideia de cultura nacionalista e fechada, que reproduz especularmente o paradigma do eurocentrismo. Entretanto, a visão modal nasce da radical crítica ao sistema metafísico e, portanto, traz como consequência o abandono do paradigma dialético, colocando, assim, a produção cultural brasileira em direto diálogo com a metropolitana. Essa relação antidialética, realçada tanto por Haroldo de Campos quanto por Silviano Santiago, além de deslocar a produção cultural brasileira do lugar do “subdesenvolvimento”, a introduz em um maior contexto: o da Latino-Americanidade. Nossa proposta é de analisar esse entre-lugar em termos de uma crítica via suspensão das categorias ocidentalistas, que declaradamente se pauta pela Antropofagia oswaldiana. Disso resulta uma estética pluralista e poliédrica que borra os limites locais-nacionais e, cujo coerente exemplo é o Tropicalismo. Registra-se que o maior alcance desse movimento foi ter aproveitado esse entre-lugar da cultura latino-americana para aproximar a esfera artística à econômica-comercial, a vulgar à erudita, a atitude provocatória à suposta cooperação (pensando um Caetano que critica a Rede Globo sendo jornalista contratado do próprio jornal “O Globo”). Isto é, a revisitada da antropofagia pela Tropicália pode ser vista como uma fenda latino-americana para além da arte clássica, orgânica, eurocêntrica e, supostamente ou declaradamente, autônoma, ou seja, como um ataque à aura que envolveria a arte, já que o pensamento antropofágico parte do princípio de que “A poesia existe nos fatos. Os casebres de açafreão e de ocre nos verdes da Favela, sob o azul cabralino, são fatos estéticos”.

### BIBLIOGRAFIA RECOMENDADA

AGAMBEN, Giorgio. O que é contemporâneo e outros ensaios. (Tradução Vinícius Nicastro Honesko). Chapecó: Argos, Editora da Unochapecó, 2009.

ANDRADE, Oswald de. Obras Completas de Oswald de Andrade, A Utopia Antropofágica. A Antropofagia ao alcance de todos. Por Benedito Nunes (org.). São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo, Editora Globo, 1990.

\_\_\_\_\_. Obras Completas de Oswald de Andrade, Pau-Brasil. Uma poética da radicalidade. Por Haroldo de Campos (org.). São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo, Editora Globo, 1990.

ANTELO, Raul. Autonomia, pós-autonomia, an-autonomia. Jornal online “Qorpus”: < <http://qorpus.paginas.ufsc.br/como-e/edicao-n-010/autonomia-pos-autonomia-an-autonomia-raul-antelo/> >, acesso em 27/09/2014.

CAMPOS, Haroldo, de. Iracema uma arqueografia de Vanguarda. In Idem. Metalinguagem & outras metas. São Paulo: Editora Perspectiva, 2006. p. 127-147.

\_\_\_\_\_. Da Razão Antropofágica: Diálogo e Diferença na Cultura Brasileira. In Idem. Metalinguagem & outras metas. São Paulo: Editora Perspectiva, 2006. p. 231-257.

\_\_\_\_\_. Poesia antipoesia antropofagia, São Paulo: Cortez & Moraes, 1978.

DERRIDA, Jacques. Força e Significação. In Idem. A escritura e a diferença, Editora pfcerspec uva, São Paulo, 1995. p. 11-53.

\_\_\_\_\_. Memorie per Paul de Man saggio sull'autobiografia. (a cura di Silvano Petrosino). Milano: Di fronte e attraverso Jaca book, 1995.

FOUCAULT, Michel. Qu'est-ce que la critique? Critique et Aufklärung. Bulletin de la Société française de philosophie, Vol. 82, nº 2, pp. 35 - 63, avr/juin 1990 (Conferência proferida em 27 de maio de 1978). Tradução de Gabriela Lafeté Borges e revisão de wanderson flor do nascimento.

LUDMER, Josefina, Literaturas postautónomas, [http://linkillo.blogspot.it/2006/12/dicen-que\\_18.html](http://linkillo.blogspot.it/2006/12/dicen-que_18.html), 18/12/2006.

\_\_\_\_\_. Literaturas postautónomas 2.0, <http://revistazcultural.pacc.ufrj.br/literaturas-postautonomas-2-0-de-josefina-ludmer/>, Julho 2007.

\_\_\_\_\_. Temporalidades del presente, [http://www.celarg.org/int/arch\\_public/ludmer.pdf](http://www.celarg.org/int/arch_public/ludmer.pdf), Cale University, julio 2002.

SANTIAGO, Silviano. (Destinos) de uma carta. In NOAVES, Aduato (org.). Tempo e História. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. p. 229-245.

\_\_\_\_\_. Vale quanto pesa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

\_\_\_\_\_. Nas malhas das letras, Ensaios. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

SANTIAGO, Silviano. Uma Literatura nos Trópicos. Rio de Janeiro:Rocco, 2000 [2ª ed.].

SCHWARZ, Roberto. Cultura e Política, 1964-69. in Idem. Cultura e Política. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2009 [3ª ed.]. p. 7-59.

\_\_\_\_\_. Nacional por subtração. in Idem. Cultura e Política. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2009, [3ª ed.]. p. 109-137.

VELOSO, Caetano. Verdade Tropical. São Paulo: Companhia de bolso, 2008.

---

15 horas

### **“A voz e a música medieval”**

Ministrantes: Carolina Dittrich e Tiago Hermano Breunig

Auditório Henrique Silva Fontes

Duração: 1h30

RESUMO: Resumo: O curso situa-se no campo da Teoria Literária e visa promover uma análise da condição enunciativa da voz medieval. Pretende-se colocar o problema do acesso à fala pela canção profana, o que consiste em operar com a historicidade do sujeito nos diferentes modos de ser. O período em relevância será entre os séculos XII e XV onde a plasticidade e as variações permitem o cruzamento de canções religiosas e profanas em seus repertórios. Até o século XII, a igreja católica matinha o monopólio da escritura, os textos poéticos de língua românica conservados até então, serviam à liturgia ou transmissão hagiográfica. Numa sociedade onde prevaleciam os *illitterati*, os sermões foram o meio básico de instrução dos leigos e formaram uma verdadeira

aculturação cristã. A homilética, até o ano 1000, foi para a instituição cristã, bem como para os poderes aos quais ela se associava, o principal meio de manipulação ideológica. Seria a divindade da palavra, que faria do sujeito um predicado.

### **“Poesia e dor”**

Ministrantes: Cilene Trindade Rohr e Piotr Kilanowski

Sala Hassis

Duração: 3 horas

**RESUMO:** Este minicurso abordará reflexões sobre a dor na literatura, a partir da leitura de alguns poemas e ensaios críticos que suscitam discussões infinitas a respeito do tema em suas diversas vertentes, tais como a resistência da poesia no pós-guerra e a sua necessidade de expressar-se por meio da dor única capaz de despertar a reflexão sobre a barbárie inerente ao ser humano. Outra leitura que se fará é a da complexidade paradoxal da dor que se define na incompletude de uma escrita fluída que tudo encobre e, ao mesmo tempo, estende sobre quem escreve e sobre quem se escreve, ansiando por compreender os labirintos absconsos do cérebro. E talvez a dor seja uma constituinte essencial dessa vontade de compreender o ser humano pelo discurso auto-reflexivo e poético expresso através da literatura, mesmo quando essa dor se esconde sob a face da embriaguez irônica ou da barbárie da guerra.

Resumos dos participantes:

Piotr – Poesia no totalitarismo comunista: sussurro, grito e silêncio.

Por meio de análise e comparação de três poemas: \*\*\* ("No lugar das feras") de Iossif Brodskii (Joseph Brodsky), "Noturnos III" de Aleksander Wat e "Senhor Cogito - anotações da casa morta" de Zbigniew Herbert pretendemos apresentar diferentes maneiras de expressão poética sob o totalitarismo comunista. Três vezes diferentes apontam a necessidade de reinventar a linguagem e sussurrando, gritando ou silenciando, dizer o indizível. Assim como os vaga-lumes sobreviventes na obra de Didi-Huberman, a poesia nos conscientiza da existência das trevas, e ao fazer da dor o seu tema central comprova a necessidade de ser escrita, principalmente depois de Auschwitz. Poesia esta, que resiste e que teima em evidenciar por meios poéticos a barbárie inerente ao ser humano, sem, no entanto, ser um ato de barbárie.

Cilene – A embriaguez da dor no Cérebro de Gottfried Benn.

Propõe-se uma leitura da dor na obra de Gottfried Benn a partir da leitura do texto intitulado Cérebro, no qual o sujeito da escrita narrativa se estrutura e se atribui sentido pela auto-reflexividade nas suas vertentes de introspecção e de retrospectão. O sujeito da obra de Benn estrutura-se quase que com a mesma consciência disseminada ao longo dos anos de escrita e constituindo-se por movimentos que o levam a regressar ao mais fundo de suas raízes e a interrogar, nesse núcleo, as coordenadas de uma dor antiga, fundadora, recentradora, fazendo dominar a temporalidade interior sobre a sucessividade da cronologia poética.

### **“Corpos & Corpus: Hélio Oiticica e Veronica Stigger”**

Ministrantes: Gustavo Ramos e Manuela de Medeiros

Sala Drummond

Duração: 3 horas

RESUMO: O minicurso “Corpos & Corpus: Hélio Oiticica e Veronica Stigger” tem como principal objetivo fazer uma leitura possível dos atos de violência cotidianos no Brasil – que vemos ganhar relevância na imprensa por meio de coberturas jornalísticas duvidosas, que, infelizmente, acabam por criar uma verdadeira patologização da esfera pública – a partir do corpus de textos dos autores citados no título como corpos políticos. O que a grande imprensa, a polícia e muitos governantes tentam fazer é intimidar nossos corpos políticos e, assim, nossa linguagem, nosso gesto; castrar a atividade intelectual para que não gozemos; separar o pensamento do corpo. Com Jean-Luc Nancy, sabemos que corpo e pensamento são “um mútuo tocar-se” e que não há sentido em falar de um sem o outro. Corpus e corpo, linguagem e pele, leitura e escritura são, para Nancy, questão de tato, de tocar e ser tocado. É dessa demanda do contato entre corpos que Agamben postula sua comunidade que vem, os seres sempre como potência, em aberto, e, também, a possibilidade da profanação: contato que restitui ao uso o que o sagrado separa. Para Nancy, contato e contágio; para Agamben, profanações: possíveis soluções e movimentos para resistir a essa política castradora que também se encontram no corpus e nos corpos dos dois artistas que são objetos de nossos estudos. Na literatura de Clarice Lispector, no conto Mineirinho, temos o entrelaçamento do Outro com o corpo de quem escreve na medida em que ela diz que é e quer ser esse Outro, morto por 13 tiros, transformado já em carcaça sem vida. Hélio Oiticica trabalhou diretamente com o corpo e com a produção de experiências sensoriais fora dos espaços institucionalizados dos museus, a fim de criar novos ambientes e de multiplicar a singularidade dos corpos; possibilitando, então, uma nova maneira de ver (e sentir) o corpo para além da determinação biológica: experiências que permitiriam a dança de um corpo selvagem e a criação de um mundo-abrigo capaz de acolhê-los. A figura marginal se encontra no poema "Seja marginal, seja herói" em que Hélio homenageia Cara de Cavallo, criminoso procurado por uma organização clandestina. Veronica Stigger também se coaduna com essa quebra de paradigmas ao fazer uma literatura que constantemente coloca em questão o próprio estatuto literário do escrito criando histórias curtas, de extrema violência, em que não há mais a possibilidade de nos questionarmos sobre a veracidade ou não daqueles contos. Nossa tarefa é, por meio desses dois artistas, a de procurar uma maneira de ler não só a literatura, mas também o cotidiano que nos atravessa deixando marcas no corpo, muitas sem possibilidade de retorno.

Conteúdo Programático:

1. Apresentação da proposta de leitura.
2. Corpos x Corpus.
3. Hélio Oiticica: mundo-abrigo.
4. Veronica Stigger anã.
5. Leitura da imprensa.

#### BIBLIOGRAFIA RECOMENDADA

AGAMBEN, Giorgio. Profanações. Trad. de Selvino Assman. São Paulo: Boitempo, 2007.

\_\_\_\_\_. Desnudez. Trad. de Mercedes Ruvituso y María Teresa D'Meza. Buenos Aires: Adriana Hidalgo Editora, 2011.

ANDRADE, Oswald de. A utopia antropofágica. 2. ed. São Paulo: Globo, Secretaria da Cultura do Estado de São Paulo, 1995.

Antropofagia hoje?: Oswald de Andrade em cena. João Cezar de Castro Rocha; Jorge Ruddinelli (Org.). São Paulo: É Realizações, 2011.

- BARTHES, Roland. Roland Barthes por Roland Barthes. Trad. de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Estação Liberdade, 2003.
- BLANCHOT, Maurice. L'Écriture du Désastre. Paris: Gallimard, 1980.
- CÁMARA, Mario. Cuerpos Paganos: Usos y Efectos en la Cultura Brasileña. Buenos Aires: Santiago Arcos Editor, 2011.
- COCCIA, Emanuele. A vida sensível. Desterro: Cultura e Barbárie, 2010.
- DEBORD, Guy. A sociedade do espetáculo: comentários sobre a sociedade do espetáculo. Trad. De Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto 1997.
- DELEUZE, Gilles. Crítica e clínica. Trad. de Peter Pál Pelbart. 2. ed. São Paulo: Ed. 34, 2011.
- DELEUZE, Gilles, GUATTARI, Félix. Kafka: por uma literatura menor. Trad. de Cíntia Vieira da Silva. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. Venus rajada: desnudez, sueño, crueldad. Trad. de Juana Salabert. Buenos Aires: Editorial Losada, 2005.
- \_\_\_\_\_. O que vemos, o que nos olha. Trad. de Paulo Neves. São Paulo: Ed. 34, 1998.
- \_\_\_\_\_. Ninfa moderna : essai sur le drapé tombé. France: Colletion Art et Artistes Gallimard, 2002.
- \_\_\_\_\_. Diante da imagem: questão colocada aos fins de uma história da arte. Trad. de Paulo Neves. São Paulo: Ed. 34, 2013.
- \_\_\_\_\_. Ante el tiempo: historia del arte y anacronismo de las imágenes. 3. ed. Trad. de Oscar Antonio Oviedo Funes. Buenos Aires: Adriana Hidalgo Editora, 2011.
- \_\_\_\_\_. A imagem sobrevivente: história da arte e tempo dos fantasmas segundo Aby Warburg. Trad. de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2013.
- FOUCAULT, Michel. História da sexualidade 1: a vontade de saber. Trad. de Maria Thereza da Costa Albuquerque. São Paulo: Paz e Terra, 2014.
- \_\_\_\_\_. História da sexualidade 2: o uso dos prazeres. Trad. de Maria Thereza da Costa Albuquerque. São Paulo: Paz e Terra, 2014.
- \_\_\_\_\_. História da sexualidade 3: o cuidado de si. Trad. de Maria Thereza da Costa Albuquerque. São Paulo: Paz e Terra, 2014.
- \_\_\_\_\_. Corpo utópico, as heterotopias. Trad. de Daniel Defert. São Paulo: N-1 Edições, 2013.
- FREITAS, Angélica. Um Útero é do Tamanho de um Punho. São Paulo: Cosac Naify, 2012.
- GONZALO, Jorge Fernández. Filosofía zombi. Barcelona: Editorial Anagrama, 2011.
- LACAN, Jacques. O Seminário, livro 4: a relação de objeto (1956-1957). Trad. de Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.
- NANCY, Jean-Luc. Corpus. Édition revue et complétée. Paris: Éditions Métailié, 2006.
- OITICICA, Hélio. Museu é o Mundo. César Oiticica Filho (Org.). Rio de Janeiro: Beco do Azogue, 2011.
- \_\_\_\_\_. Aspiro ao grande labirinto. Luciano Figueiredo (Org.). Rio de Janeiro: Rocco, 1986.
- OITICICA, Hélio; CLARK, Lygia. Cartas – 1964-1974. Luciano Figueiredo (Org.). Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998.
- ROMANDINI, Fabián Ludueña. h.p. Lovecraft, la disyunción en el Ser. Buenos Aires: Hecho Atómico Ediciones, 2013.
- \_\_\_\_\_. La comunidad de los espectros. I. Antropotecnia. Buenos Aires: Miño y Dávila Editores, 2010.
- SALOMÃO, Waly. Qual é o Parangolé? e outros escritos. Rio de Janeiro: Rocco 2003.
- \_\_\_\_\_. Poesia total. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

SCHOLLHAMMER, Karl Erik. *Cena do Crime: Violência e Realismo no Brasil Contemporâneo*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2013.

STIGGER, Veronica. *Opisanie Swiata*. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

\_\_\_\_\_. *Sur*. Trad. de Gonzalo Aguilar. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Grumo, 2013.

\_\_\_\_\_. *Minha Novela*. Desterro: Cultura e Barbárie, 2013.

\_\_\_\_\_. *Delírios de Damasco*. Desterro: Cultura e Barbárie, 2012.

\_\_\_\_\_. *Os Anões*. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

\_\_\_\_\_. *Gran Cabaret Demenzial*. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

\_\_\_\_\_. *O Trágico e Outras Comédias*. 2. ed. Rio de Janeiro: 7Letras, 2007.

STIGGER, Veronica; VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *Onde a onça bebe água*. São Paulo: SESC São Carlos, 2013.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *A inconstância da alma selvagem - e outros ensaios de antropologia*. 2. ed. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

### **“Deus ri e nós também: duas pesquisas envolvendo teopoética e subversão”**

Ministrantes: André Luiz da Silveira e Raphael Novaresi Leopoldo

Sala 325

Duração: 3 horas

**RESUMO:** A partir dos pré-supostos teóricos da teopoética (estudos comparados entre teologia e literatura), este minicurso, concentrado em duas sessões, pretende abordar a problemática da subversão, sobretudo pelo riso e humor, em produções escritas e audiovisuais no contexto do cristianismo.

Primeira sessão: Riso e subversão: o cristianismo pela porta dos fundos

André Luiz da Silveira (mestrando)

A pesquisa a ser apresentada aborda manifestações humorísticas de caráter subversivo a partir do texto bíblico, idéias e dogmas cristãos. O objeto utilizado como instrumento de análise são os vídeos com temática cristã do coletivo de humor Porta dos Fundos. Através da exibição de alguns vídeos, o propósito é identificar e discutir a utilização do humor a partir do texto base – a Bíblia, os seus limites e o impacto que causa no expectador.

Segunda sessão: Dante e Gomes e suas conexões com o sagrado: a literatura como espaço de subversão

Raphael Novaresi Leopoldo (doutorando)

D'A Divina Comédia, de Dante Alighieri, até a A Divina Paródia, de Álvaro Cardoso Gomes, existem séculos de intervalo temporal. Ainda assim, algo as conecta, mesmo que reservando a cada uma dessas obras características peculiares. Esta exposição, evidenciando uma das abordagens da pesquisa de doutorado em curso, parte da hipótese que ambos os textos subvertem o sagrado pelos artifícios literários da paródia e apresenta uma leitura sobre tal característica.

### **BIBLIOGRAFIA RECOMENDADA**

ALTER, Robert. *A Arte da Narrativa Bíblica*. Trad. Vera Pereira. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

DANTE ALIGHIERI. *A Divina Comédia*. Trad. J. P. Xavier Pinheiro. Martin Claret: São Paulo, 2002.

GOMES, Álvaro Cardoso. *A Divina Paródia*. Globo: São Paulo, 2002.

MINOIS, Georges. História do Riso e do Escárnio. Trad. Maria Helena Ortiz Assumpção. São Paulo: UNESP, 2003.

PORTA DOS FUNDOS. Porta dos Fundos. Rio de Janeiro: Sextante, 2013.

PROPP, Vladimir. Comicidade e Riso. Trad. Aurora Fornoni Bernardini e Homero Freitas de Andrade. São Paulo: Ática, 1992.